



O Cidadão-Repórter e o Papel do Jornalista Profissional através do Jornalismo Participativo¹

Guilherme Pinheiro²

Universidade Estácio de Sá

Resumo

Este artigo analisa uma nova forma de jornalismo aderida pelos veículos de comunicação e motivo de discussão: o jornalismo participativo. Com a premissa de que cada “cidadão é um repórter”, esta atividade tem granjeado o interesse de receptores em serem produtores de notícia, através do envio de textos ou imagens de fatos considerados de relevância jornalística. Através de uma análise histórica da comunicação, percebe-se o quanto os avanços tecnológicos foram importantes para as mudanças que a profissão sofre, pontuando a função social do jornalista. A relação emissor-receptor é o foco da pesquisa que tem como material empírico a editoria de jornalismo participativo do site *Globo Online*, chamada Eu-repórter.

Palavras-chave: jornalismo participativo; interatividade; Eu-Repórter.

Introdução

Neste século XXI, os avanços tecnológicos têm proporcionado para a humanidade inúmeras facilidades, dentre elas, celulares de última geração, câmeras digitais com filmadoras, TVs de alta definição e até mesmo sites de busca que dão acesso a todo tipo de informação através da rede. A internet virou um fenômeno mundial e muitos jornais passaram a reproduzir o conteúdo de seus impressos na rede. Isto ocasionou uma revolução no jornalismo com o surgimento do webjornalista, que começa a colher informações através de agências de notícia internacionais e de sites regionais e a transmiti-las para os leitores. Este profissional utiliza a internet como uma ferramenta de apuração, agilizando o processo de produção da notícia.

Já o internauta / leitor começa a atuar como fonte de informações, enviando opiniões e sugestões de pauta, via e-mail. Hoje, com a televisão acoplada ao computador, via internet, o receptor “manda” no veículo, ou seja, o tempo real em que cada conteúdo transmitido aparece na telinha do consumidor pertence ao usuário, e não mais à emissora. A tecnologia se modernizou de tal maneira que até aparelhos de telefonia celular apresentam várias ferramentas que ajudam na construção de uma informação, como potentes câmeras fotográficas e de vídeo, gravadores de voz e acesso a Internet. A pessoa pode registrar, filmar e gravar qualquer informação e ainda enviá-la

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste. Esse artigo é derivado do trabalho monográfico de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Estácio de Sá orientado pela Prof^a. Dra. Soraya Venegas Ferreira em 2008.01.

² Graduado no Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, pela Universidade Estácio de Sá, em dezembro de 2008. guilherme_pinheiro726@hotmail.com ou guilhermetopcine@hotmail.com.



via internet através do celular. Em vista disso, o papel do receptor ganhou novos contornos: rapidez na alternância emissão-recepção.

Este artigo, fruto de trabalho monográfico, mostra que com o jornalismo participativo houve uma mudança significativa na interação entre o emissor e o receptor; as redações (o emissor) estão se transformando num centro de recepção, triagem rápida, edição imediata e catalogação inteligente, enquanto que os receptores se apresentam como fontes dos noticiários, numa espécie de rede de informadores conectados a núcleos de edição, onde serão apresentadas e disponibilizadas ao público em geral, uma versão crua do fato testemunhado em tempo real, e em seguida, outras versões editadas com a participação de jornalistas num processo de interação que poderá conduzir o leitor a níveis variados de entendimento sobre um mesmo tema. Aborda também a grande autenticidade que o jornalismo colaborativo confere a notícia devido aos cidadãos-repórteres estarem bem posicionados para divulgar eventos e problemas sociais e como isto abre um espaço para abordar temas que a grande mídia possa julgar como de interesse restrito.

Segundo o *Observatório da Imprensa*³, apesar de muitos receptores colaborarem com vídeos para veículos televisivos e fotos para jornais impressos, este fenômeno de comunicação ganhou forças na internet. O OhmyNews (www.ohmynews.com) foi a primeira experiência de sucesso na Internet usando o internauta como fonte criada pelo coreano Oh Yeon-ho. O lema do site é “cada cidadão é um repórter”. De acordo com o seu criador, o objetivo do jornalismo participativo é contribuir para a democratização da imprensa, redistribuir o controle sobre os meios de informação e transformar o receptor num produtor de notícias.

Mostrar como surgiu este conceito de jornalismo participativo no site *Globo Online*, e o quanto ele contribui para tornar evidente a mudança do papel do receptor na construção de uma mensagem. Para a monografia usou-se uma entrevista com o jornalista responsável pela editoria onde foi abordado o funcionamento da editoria, o processo de triagem das informações enviadas pelos internautas e as possibilidades de publicação ou não. Quais as medidas tomadas para examinar a autenticidade da informação veiculada. A pesquisa investigou as razões pelas quais à direção do site resolveu adotar este tipo de jornalismo participativo e descobriu se houve ou não vantagens em adotar tal sistema.

³ Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=278SAI001>, consultado em 02/06/2008.



O Surgimento do Jornalista

No século XVIII, a figura do jornalista se tornou mais evidente. De acordo com Ciro Marcondes Filho “enquanto a modernidade econômica engendrou o empreendedor burguês e a modernidade política assistiu a vitória das democracias republicanas, a modernidade dos direitos sociais e humanos viu nascer no seu seio a figura do jornalista”⁴. O nascimento do jornalismo e do jornalista está ligado à razão, à transparência impondo-se diante do obscurantismo e servindo de instrumento inquisidor de autoridades. Para o autor, o jornalismo expandiu-se através da luta pelos direitos humanos ocorridos na Revolução Francesa com a destituição da aristocracia e do sistema absoluto de governo. O jornalismo apareceu também com o objetivo de tornar o saber e o conhecimento disponível a todos. E isto foi possível através da criação da prensa de tipos móveis criada por Gutenberg, em 1450.

Segundo Marcondes Filho após a Revolução Francesa, o jornalista passou por quatro diferentes fases até chegar aos dias de hoje. A primeira fase do jornalista foi de 1789 até à metade do século XIX e ficou caracterizada pelo jornalista político-literário que difundia idéias e ideais políticos através dos jornais impressos. A segunda fase do jornalista surge na metade do século XIX, acompanhando as inovações tecnológicas até os processos de produção do jornal. Esta transformação exigira que os jornais vendessem muito para se autofinanciar e para que isso fosse possível era necessária a venda de espaços publicitários. Os monopólios caracterizaram a terceira fase do jornalista no século XX onde somente guerras mundiais ou governos totalitários poderiam destruir os jornais. A última mudança do jornalista vem com a era tecnológica que começou nos anos 70 e vai até os nossos dias. Passa a vigorar um grande volume de informações fornecidas pelas assessorias de imprensa e que se fundem com as reportagens jornalísticas dos mais variados veículos.

O Reconhecimento da Profissão

De acordo com Paulo Gomes de Oliveira⁵, a imprensa no Brasil chegou logo após o seu grito de Independência. No dia 1º de junho de 1808 começou a circular o *Armazém Literário*, posteriormente chamado *Correio Brasiliense*. Este foi o primeiro periódico independente e livre de censura, publicado por um brasileiro, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, considerado o fundador da imprensa brasileira.

⁴ Marcondes Filho, Ciro. Comunicação e jornalismo. A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2002. Pág. 9

⁵ Oliveira, Paulo Gomes de. Formação jornalística. Porto Alegre. Editora Sulina, 1970.



Porém, a data de 10 de setembro de 1808 ficou conhecida como o marco inicial da imprensa brasileira com a circulação do jornal *A Gazeta do Rio de Janeiro*.

Segundo o autor, no Brasil, a primeira escola de jornalismo foi criada em abril de 1948, por iniciativa de Cásper Líbero, diretor de *A Gazeta*, de São Paulo, que expressou esta vontade em testamento e deixou a criação a cargo do jornalista João Baptista de Sousa Filho. A escola foi estabelecida de acordo com o Decreto de nº 5.380, de 13 de maio de 1943, que regularizou as condições de seu funcionamento e dessa forma, passou a ser integrada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, denominada Escola de Jornalismo Cásper Líbero. Em 6 de junho de 1958, o curso de jornalismo ganhou autonomia dentro do organismo universitário.

De acordo com Ana Paula Goulart Ribeiro⁶, na década de 50, no Brasil, o jornalismo passou por um processo de profissionalização intenso resultando no aumento de salários. Foram criadas, no Rio de Janeiro, duas universidades de jornalismo: a Universidade Brasil em 1948, atual UFRJ e a Pontifícia Universidade Católica, a PUC, em 1951. Com a profissionalização dos jornalistas, as empresas tiveram de criar manuais que padronizassem o estilo lingüístico que seria adotado por toda imprensa na produção da notícia.

Após a criação de instituições de ensino para valorizar o jornalista, era necessária a regulamentação da profissão. E esta veio no dia 17 de outubro de 1969 sob a forma do Decreto-Lei nº 972, estabelecendo que o exercício da profissão é livre em todo território nacional e que compreende as diversas atividades realizadas por um jornalista nas áreas de impresso, TV, rádio, site e etc. Com a regularização, as empresas de comunicação teriam de seguir as regras estabelecidas por lei, dando a seus empregados os direitos e deveres referentes à profissão.

De acordo com a *Folha de São Paulo*⁷, de 2001 a 2005, esteve em discussão, no Tribunal Regional Federal, a questão da obrigatoriedade do diploma jornalístico para a obtenção do registro profissional junto ao Ministério do Trabalho. A decisão do TRF saiu no dia 26 de outubro de 2005, derrubando a liminar e mantendo a constitucionalidade da exigência da formação específica para o exercício do jornalismo. O Ministério Público Federal entrou com um recurso no Supremo Tribunal Federal contra a decisão do TRF alegando que os pré-requisitos contidos no Decreto-Lei 972/69

⁶ Ribeiro, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50*. Tese de Doutorado. UFRJ, 2000.

⁷ Disponível em: <http://www.folha.com.br>, consultado em 02/06/2008.



são contrários aos artigos 5º e 220 da Constituição Federal de 1988, que afirma que é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença. A apelação afirma também, que esta Lei de Imprensa representa um dos resquícios do autoritarismo imposto pela ditadura de militar de 1964-1985. Todas estas questões estiveram em pauta no STF para serem avaliadas e julgadas no dia 01 de abril de 2009. Porém, a decisão dos ministros do Supremo sobre o assunto foi adiada sem data para retornar ao debate. Seja qual for à sentença, ela terá um grande impacto na imprensa brasileira e na vida do profissional de jornalismo.

Em adição a este debate, desde novembro de 2008, está em andamento uma Comissão de Especialistas do MEC, criada pelo Ministério da Educação e presidida pelo professor José Marques de Melo, fundador da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), que tem como objetivo revisar as diretrizes curriculares que orientam as instituições de ensino superior no processo de formulação do projeto pedagógico de um curso de graduação em jornalismo. Estuda-se também, a criação de mecanismos legais para facilitar a entrada de estagiários no mercado de trabalho, bem como o acesso da universidade as emissoras de rádio e televisão.

As Formas de Interação e a Rede

Segundo John Thompson⁸, durante a maior parte da história humana, a maioria das interações sociais foram feitas face a face. O relacionamento entre os indivíduos ocorria principalmente através da aproximação e do intercâmbio de formas simbólicas, ou por meio de outros tipos de ação realizadas dentro de um ambiente físico compartilhado. Para a sobrevivência das tradições orais era necessário um contínuo processo de renovação que se dava através de histórias contadas e atividades relatadas, todas elas em contextos de interação face a face.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação surgem novas formas de ação e de interação, que Thompson distinguiu com o uso dos meios de comunicação, três formas que ele chamou de “interação face a face”, “interação mediada” e “quase-interação mediada”. A primeira interação acontece num contexto de co-presença, os participantes estão presentes fisicamente e compartilham um mesmo sistema referencial de espaço e de tempo. Uma das características desta interação é ser dialógica, no sentido de que é necessário um sistema de ida e volta no fluxo da informação na comunicação. O receptor participa de forma ativa, interagindo com seus emissores através de respostas

⁸ THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade – uma teoria social da mídia. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.



e por sua vez os emissores ao receberem estas respostas se tornam receptores de seus comentários e assim sucessivamente.

De acordo com Thompson, o segundo tipo de interação é a interação mediada. Esta forma implica no uso de um meio técnico como papel, fios elétricos e etc como forma de possibilitar a transmissão de informação para indivíduos situados remotamente no espaço, no tempo, ou em ambos. Na interação mediada, os participantes podem estar em contextos espaciais ou temporais distintos. Eles devem estar preocupados em transmitir o máximo de informação detalhada para que possa existir compreensão no que se quer comunicar. Uma característica desta interação é o estreitamento de deixas simbólicas a disposição dos participantes.

O terceiro tipo de interação é a quase-interação mediada. Esta interação está diretamente relacionada com as relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa como jornal, rádio, televisão e etc que se dissemina através do espaço e do tempo. Esta possui uma vasta gama de informação e conteúdo simbólico a disposição no tempo e no espaço. Existem duas características que a diferenciam das demais formas de interação apresentadas: a produção de um número infinito de formas simbólicas para um número indefinido de receptores e o fluxo de informação é predominantemente de um único sentido. Isto acontece devido a não existir a necessidade de uma reciprocidade entre os envolvidos na interação.

De acordo com Thompson, o indivíduo é bombardeado com uma pluralidade de fontes e canais de comunicação de uma forma tão intensa que ele pode se encontrar na posição de receptor e produtor. Um dos meios que possibilita esta atuação é a internet. Desta forma, surge um novo tipo de campo interativo nos quais os três modelos de interação se entrelaçam de formas complexas – a interação face a face, a interação mediada e a quase-interação mediada. Neste sentido, os participantes usam meios técnicos à sua disposição para se comunicarem com outros receptores em lugares distantes, que podem ou não lhes dar atenção, e nos quais as imagens e as informações apresentadas servem de base para que outros indivíduos possam planejar suas atividades.

Para Manuel Castells⁹, a internet é um meio de comunicação que possibilita a interação na sociedade e que nos conecta a diferentes universos através da sua rede. Esta tecnologia permite ao receptor localizar-se e distribuir a partir de qualquer ponto,

⁹ CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. IN: MORAES, Denis. Por uma outra comunicação. São Paulo, Record, 1998.



informação suficiente para se produzir conteúdos para a Internet. Para o jornalista, a internet possibilita e facilita a realização de tarefas trazendo mais agilidade no desempenho do trabalho. O avanço desta tecnologia permitiu o envio de informações para os veículos midiáticos de qualquer lugar do planeta onde o jornalista se encontrar como se fosse um escritório móvel. De acordo com o autor, a internet se transformou numa forma de interação e organização social.

Com o advento do computador e da Internet, Steven Johnson¹⁰ observou como o suporte técnico transformou nossa maneira de nos comunicar na sociedade e que nossas vidas cotidianas estão saturadas com mais fluxos de dados que em qualquer momento anterior da história. Os usuários (receptores) aprenderão com o tempo a habitar cada espaço novo. A internet constitui a base material e tecnológica da sociedade em rede. Ela processa a virtualidade e a transforma em nossa realidade, constituindo a sociedade em que vivemos. Esta virtualidade constitui a base material e tecnológica da sociedade em rede, é uma espécie de infra-estrutura tecnológica e um meio de organizar e desenvolver as novas formas de relação sociais que não viriam a existência sem a internet.

Com a mudança de pensamento sobre a recepção, o pensador Pierre Lévy¹¹ observou que no ciberespaço este papel ativo do receptor se tornaria mais evidente. Ele definiu este ciberespaço como um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias armazenadas nos computadores. Uma de suas principais características é o acesso à distância aos diversos recursos de um computador, fornecendo uma potência de cálculo tão intensa quanto uma empresa de energia fornece para grandes cidades. É neste ciberespaço que torna possível que as comunidades comuniquem-se entre si através do compartilhamento de transferência de dados e telememória:

“As realidades virtuais servem cada vez mais como mídia de comunicação. De fato, várias pessoas geograficamente dispersas, podem alimentar simultaneamente uma base de dados ..., em retorno, receber dela informações sensoriais... As realidades virtuais compartilhadas que podem fazer comunicar milhares ou mesmo milhões de pessoas, devem ser consideradas como dispositivos de comunicação “todos-todos”, típicos da cibercultura.”¹²

¹⁰ JOHNSON, Steven. Cultura da Interface – como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1997

¹¹ LEVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo. Editora 34, 2002.

¹² Idem, ibidem, pág 105.



Antigamente era a comunicação de um para todos. Pierre Lévy apresentou um novo conceito de comunicação – uma comunicação de todos para todos. O receptor pode intervir no texto e passar adiante a informação. A pessoa, hoje, pode atuar como emissor e receptor concomitantemente. Com isto o texto inicial pode ser alterado e o texto autoral passa a não existir mais no ciberespaço. Lévy reconhece que os avanços tecnológicos serviriam de instrumento para a postura ativa do receptor:

“Telefones móveis avançados, televisões digitais, assistentes pessoais digitais, todos esses terminais do ciberespaço serão dotados de capacidades importantes de cálculo e memória. Os sistemas operacionais desses aparelhos possuirão instrumentos de navegação e de orientação em um ciberespaço cada vez mais transparentes.”¹³

Utilizando ferramentas do ciberespaço, como blogs e fotologs, muitos receptores estão produzindo conteúdos informativos e interagindo com veículos midiáticos. A Internet transformou-se num sistema operativo que permite interconectar e canalizar a informação sobre o que acontece, onde acontece, o que podemos ver, o que não podemos ver, e torna-se o sistema conector interativo do conjunto do sistema multimídia. O fato de ser uma comunicação horizontal, de cidadão a cidadão, significa que o indivíduo pode criar seu próprio sistema de comunicação na Internet, pode dizer o que quiser, pode comunicá-lo.

Johnson visualiza o que seria o futuro do ciberespaço:

“O usuário capta informação através de uma pequena câmera instalada em sua testa ou em seus óculos, tirando instantâneos dos documentos à medida que os lê. Os documentos são transformados por “fotografia seca” em pequenas imagens do tipo microfilme, que são armazenadas no corpo do dispositivo Memex. O mecanismo de armazenamento é um rolo linear que se move da esquerda para a direita, cada fotograma no rolo contendo milhares de documentos em miniatura. Quando está longe de sua escrivaninha, o usuário introduz textos no dispositivo através de palavras falas transmitidas por rádio.”¹⁴

Segundo Johnson, a interface veio ao mundo sob o manto de eficiência e está agora emergindo. Mas que nós não podemos prever até onde este encantamento vai se estender, mas que seu alcance potencial não deveria ser subestimado. Johnson ainda ressalta que as interfaces continuarão a transformar o modo como imaginamos a informação e ao fazê-lo irão nos transformar para melhor ou para pior.

¹³ LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo. Editora 34, 2002, pág 105.

¹⁴ JOHNSON, Steven. *Cultura da Interface – como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1997, pág 152.



O Papel Social do Jornalismo frente as novas tecnologias

Para Ciro Marcondes Filho¹⁵, a mistura informação-comunicação tem apressado o fim do jornalista porque atualmente alguns profissionais acreditam que são os únicos que produzem informações quando na realidade todas as pessoas informam. Além deste fator, o texto jornalístico está sendo substituído “pela notícia curta escrita em três parágrafos num processo de *drops* informativos em detrimento das matérias grandes”¹⁶, observa Costella. Outro fator é a ideologia embutida nas técnicas de transmitir a informação através de um conta-gotas que não acrescenta a bagagem de conhecimento dos leitores e sim, transmite um modo específico de pensar que tem efeitos dispersivos.

Para Sylvia Moretzsohn¹⁷, a participação do receptor na construção da mensagem foi difundido na internet através dos chamados *blogs* – espécie de site pessoal onde o internauta expõe suas opiniões sobre os mais variados assuntos. Para estes ‘*blogueiros*’ independentes, Moretzsohn aplica a expressão “quinto poder”, onde além de fazerem papel de jornalistas estes também fiscalizam a imprensa como um observatório. Isto se dá devido a mudança do papel do receptor ocasionada pela revolução tecnológica digital que está disponível ao alcance da maioria. A autora exemplifica esta mudança com o congestionamento de sites que houve em 2001, onde as pessoas buscavam à todo custo informações sobre os atentados do *World Trade Center*, isto estimulou a proliferação do “jornalismo colaborativo”.

De acordo com Moretzsohn, o jornalismo colaborativo é definido com o ato do cidadão de desempenhar um papel ativo no processo de coleta de informações com o objetivo de garantir a notícia independente, confiável e precisa. A checagem da veracidade das informações, uma atividade que assegura a credibilidade, é realizada de forma freqüente uma vez que a comunidade virtual está empenhada na busca pela verdade. E nesta questão que reside o grande conflito do jornalismo colaborativo. De um lado temos o profissional confinado a procedimentos rígidos e de outro lado o público, ansioso pela verdade e agora detentor dos meios tecnológicos para obter e revelar informações. O jornalismo colaborativo trabalha com a seguinte lógica publicar primeiro para depois filtrar as informações imitando o princípio de auto-correção que impera nas redações só que quem faz o papel de editor que separa o que deve ser de

¹⁵ Marcondes Filho, Ciro. Comunicação e jornalismo. A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

¹⁶ Costella, Antônio. Comunicação – Do grito ao satélite. Rio de Janeiro. Ed. Record, 1997. Pág 44.

¹⁷ Moretzsohn, Sylvia. Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro. Ed Revan, 2007.



proveito é o próprio leitor. Este princípio do jornalismo de fonte aberta onde a comunidade altera e completa a informação é semelhante ao “método *wiki*”. E o que será do papel do jornalista no futuro para a autora?

“Deveria ser evidente: o jornalista é aquele profissional autorizado a estar onde o público não pode estar, e por isso tem direito ao acesso a fontes através das quais pode apurar as informações necessárias à sociedade. Este é nada menos que o status conferido pelo velho conceito de “quarto poder”, que, apesar de problemático, (...) é o que garante ao jornalista o reconhecimento social de seu papel de mediador.”¹⁸

Moretzsohn mostra que existe uma grande confusão entre o trabalho jornalístico e ao direito constitucional de liberdade de expressão e de comunicação o qual todos possuem. O jornalista tem a responsabilidade de apurar e divulgar a notícia de forma responsável. Diferente do cidadão-repórter que não tem estes critérios, a não ser que estes sejam previamente estabelecidos entre o veículo midiático e o receptor-produtor. Diante deste fato, alguns acreditam que este tipo de jornalismo é uma forma de se voltar ao senso comum como fonte de verdade. O jornalismo colaborativo representa para as empresas uma alternativa econômica para se obter matéria-prima a partir de mão-de-obra informal.

O Jornalismo Participativo no Globo Online

De acordo com Aloy Jupiara¹⁹, em 2001, foi criado pelo *Globo Online* em parceria com a *Globo News*, um site que seria dedicado para conteúdo da emissora que era conhecida por fornecer notícias 24 horas. Nasceu o *Globo News.com*. A experiência durou dois anos. O grupo *Infoglobo* resolveu unificar os dois sites e o *Globo Online* passou a ficar maior e surgiu assim a necessidade de produzir um melhor conteúdo para os leitores. Porém, em 2006, houve a necessidade de um redesenho do site. Através de várias pesquisas sobre modelos de negócio e usabilidade, foram constatados três itens que deveriam ser seguidos: maior qualificação do conteúdo, investimento em conteúdo multimídia e em interatividade.

Na área de interatividade, foram pesquisados grandes veículos de comunicação como, The Guardian, BBC, New York Times, Washington Post, Overmundo no Brasil e o *20 Minutos* espanhol. A pesquisa de interatividade apontou para o jornalismo participativo como uma forma de atrair os leitores. Esta interatividade é composta de

¹⁸ Moretzsohn, Sylvia. Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro. Ed Revan, 2007. Pág. 266.

¹⁹ Jupiara, Aloy. Editor-executivo do site Globo Online. Entrevista concedida ao pesquisador Guilherme Pinheiro, em 15/05/2008.



forma complexa pelos três modelos de interação idealizados por Thompson – face a face, mediada e a quase interação mediada. Os participantes se utilizam da tecnologia disponível para produzir conteúdos que servirão de base para outros receptores se informarem ou até mesmo planejarem atividades. Este rede complexa de interatividade ultrapassa barreiras e passa a se tornar global em escala e alcance.

Depois de várias reuniões com editores do Infoglobo, onde foram abordados os novos conceitos, em agosto de 2006, entrou no ar o novo site do *Globo Online* com todas as modificações propostas. Na área de multimídia, houve uma abertura maior para a exposição de material de vídeo. Na parte de qualificação, aumentou do número de *blogs*, que serve como uma forma de termômetro de informações. Através desses sites pessoais, o internauta expõe sua opinião sobre determinado assunto, alimentando o fluxo de informações com dados novos. Aloy afirma que existem 80 *blogs* no site *Globo Online*. Já no item interatividade, foi criada a área de comentário de notícia onde vários leitores podem expressar sua opinião sobre a matéria apresentada e a implantação do jornalismo participativo, através da editoria Eu-repórter, lugar onde o leitor pode enviar textos, fotos, áudios e vídeos sobre os mais diversos assuntos que ele julga como sendo relevantes para sua comunidade ou por colaborar com algum fato que ele tenha testemunhado.

De acordo com o jornalista, a média de recebimento de notícias enviadas pelo leitor varia entre oito a dez notícias por dia com aproveitamento de três a quatro. Existem dias que este número pode ser menor. Pode ser que num dia se receba quinze notícias e no outro cinco. Enquanto atua como produtor de conteúdo o leitor dá o ritmo a editoria. Porém, quem determina o que será publicado ou não, são os editores do grupo Eu-repórter, que obedecem a uma série de critérios, que funcionam como um filtro do conteúdo enviado. A lógica do jornalismo colaborativo trabalhada por Moretzsohn entra em conflito diante desta verdade. Segundo a autora, o jornalismo participativo trabalha com a lógica de publicar primeiro, para depois filtrar as informações. Na editoria Eu-repórter, o que impera é outra lógica: filtrar primeiro e em seguida, depois de uma intervenção que pode ser ortográfica, publicar a notícia no site.

De acordo com Jupiara, o jornalismo participativo trouxe uma grande descoberta para o grupo *Infoglobo*, que notícia relevante para o leitor nem sempre é de interesse jornalístico e que, por isso, deveria haver uma mudança de conceitos para descobrir o que realmente é de interesse público. Isto ajudou a quebrar paradigmas sobre o que seria notícia e o que não. A outra coisa foi perceber que os leitores muitas vezes mostram



notícias que são positivas sobre a cidade como pontos turísticos, exposições, clima, entre outras observações do cotidiano.

O outro item do processo de seleção é o de verificação, onde os profissionais entram em contato com o leitor para saber mais informações sobre o registro feito ou pela denúncia feita e assim conseguir um maior detalhamento que complemente a matéria. Para os editores do Eu-repórter, o mais importante não é a qualidade técnica do conteúdo enviado e sim, o registro feito pelo leitor. Vale ressaltar que são utilizadas na editoria, imagens feitas por celular que não tenham uma boa qualidade técnica. Outra forma de se fazer uma seleção das notícias que serão publicadas é pela checagem com outros órgãos ou redações de jornal e de cruzar as notícias enviadas para o site por outros internautas.

Segundo Jupiara, existe todo um processo para comprovar a veracidade da informação antes de publicá-la. Uma dessas formas é por se fazer uma minuciosa checagem através do leitor, de órgãos públicos e da própria equipe de apuração do site. Em relação ao material recebido, principalmente nos textos, são necessárias correções gramaticais e ortográficas. Os editores não estão preocupados com regras de redação jornalístico como o uso de *lead* e *sub-lead*. Neste caso, mais uma vez a informação apresentada sofre interferência por parte de jornalistas profissionais que fazem uma busca minuciosa para verificar a veracidade do fato. Uma equipe da editoria Eu-repórter faz esta checagem antes de publicar tal informação. Aloy cita um texto enviado para o *Globo Online* sobre o incidente ocorrido no metrô entre as estações do Estácio e São Cristóvão.

Segundo Jupiara, sempre que se tem um material muito bom enviado por um leitor eles comunicam *O Globo* ou *Extra*. O jornal *Extra* tem na página dois uma área fixa reservada para a editoria do Eu-repórter onde são publicadas diariamente informações enviadas pelos leitores e os editores fazem uma espécie de gaveta onde são armazenadas fotos para os dias à frente. Por isso, há um grande fluxo que garante material todo dia. Mas uma vez surge a questão dos critérios de noticiabilidade. Será que o registro feito por determinado leitor tem relevância dois ou três dias à frente? Neste caso, observamos mais uma vez a intervenção dos editores, dos profissionais de jornalismo, na publicação de determinada matéria jornalística dita independente como defendem os idealizadores desta modalidade. Esta suposta “liberdade de expressão” defendida pelo cidadão-repórter, que acredita na lógica de se publicar primeiro para filtrar depois, não existe quando esta colaboração é feita para algum veículo midiático.



Pode existir dentro de *blogs* pessoais onde a pessoa expõe suas opiniões e idéias, mas vai esbarrar na questão da veracidade da informação. Uma vez que este conceito esta intrinsecamente arraigado a figura do jornalista profissional.

O jornal *O Globo* publica, eventualmente, material da editoria Eu-repórter. Porém este sendo planejada uma página fixa da editoria no impresso. O suplemento Jornal de Bairros de *O Globo* dedica um espaço de jornalismo participativo para que o leitor envie informações que ele julgue ser relevante sobre seu bairro. E, mais recentemente, o jornal *O Globo* aceita críticas de cinema enviadas por leitores para a seção ‘O Bonequinho viu...’ do suplemento Rio Show, publicado toda sexta-feira.

De acordo com o editor, não existem mais emissores e receptores. Todas as pessoas são emissores, basta presenciar um fato e querer compartilhar esta informação com outros indivíduos utilizando-se dos meios tecnológicos que estiverem à disposição. E com relação ao jornalismo tradicional, como o conhecemos, o do repórter que busca a verdade, que procura o furo na notícia, o editor Aloy Jupiara é enfático em afirmar que o jornalismo participativo é uma atividade que veio para complementar a atividade de um profissional da notícia e não para ocupar o seu lugar. O profissional sempre existirá como um editor que utiliza seus conhecimentos técnicos para publicar a informação.

Vários veículos de comunicação estão implantando o jornalismo participativo em seu próprio site, como o *Estadão*, que criou o Foto-repórter que só trabalha com fotografia enviada pelos leitores, o *IG* lançou o Minha Notícia, o portal *Terra* tem o Vc Repórter e assim por diante. Todos os grandes *players* de internet tem uma área de seção de jornalismo participativo, mas cada uma é diferenciada da outra no que se refere ao conteúdo exigido, mas todas elas passam pela triagem de editores que definem o que é publicado ou não.

Considerações Finais

A chegada do jornalismo participativo abalou as estruturas do jornalismo tradicional e fez com que as grandes redações e seus profissionais repensassem o que realmente é de interesse público para este novo leitor multimidiático e agora produtor de notícias. O papel ativo do receptor tem contribuído para mostrar ao público “verdades” antes não vistas ou que não tinham interesse jornalístico. Observamos que, são sempre informações de cunho social como uma forma de reivindicar melhorias na comunidade. Munidos de câmeras digitais, filmadoras portáteis, celulares com câmera e de um computador com acesso a internet, o leitor tem registrado e compartilhado com outros suas experiências como “cidadãos-repórteres”.



Cidadãos-repórteres! Termo este, cunhado pelo sul coreano Oh Yeon-ho, criador do Ohmynews, em 2004, a primeira experiência em jornalismo participativo no mundo e cujo desejo era o democratizar a informação e dissolver o poder da informação. Passados quatro anos, já podemos observar que este tipo de jornalismo trouxe mudanças de paradigmas, mas não modificou radicalmente a imprensa. Vemos nitidamente a mão pesada de um editor filtrando as informações que ele julga ser relevante para seus leitores e que não vá de encontro com os interesses da empresa o qual ele pertence. A editoria Eu-repórter é um caso típico deste conceito.

As teorias apresentadas serviram de base para mostrar como o modelo comunicativo sofreu intervenções ao longo dos anos e como o receptor antes encarado com um sujeito passivo se transformou num produtor de notícias e de conteúdos. Estas novas formas de interação possibilitaram esta identificação do receptor.

Com o jornalismo colaborativo o que era considerado de interesse coletivo e editado pelos grandes veículos passou a dar lugar a outros temas que são considerados de relevância pelo receptor. Com isso surge a chamada democratização da imprensa. O jornalista terá de criar sua própria rede de cidadãos-repórteres e com o tempo saber selecionar o bom do ruim e o factual do relevante.

O jornalista sempre será o profissional capacitado para apurar e divulgar os fatos. Será a pessoa que terá acesso a todos os lugares onde a notícia se encontrar, que manterá os princípios éticos a frente de qualquer desvio de conduta que o faça forjar uma notícia e também, o editor de conteúdo de qualquer empresa midiática que empregar o jornalismo participativo em suas dependências.

Concluimos com este artigo que o jornalismo participativo é uma espécie de retorno as antigas origens da comunicação onde o dom de comunicar não restrito a uma profissão e sim, era um bem de todos os cidadãos bastava ter a capacidade da oralidade. Através do famoso boca a boca, os antigos transmitiam suas histórias, medos e anseios através da fala. Hoje transmitimos estes mesmo assuntos através da tecnologia, seja através de um texto, de uma imagem ou de um áudio queremos registrar nossa história. Queremos fazer valer nossa voz. Somos todos cidadãos-repórteres? Ou somos apenas cidadãos que querem fazer valer suas opiniões sobre o que é de grande relevância ou não?

As respostas a estas questões somente o tempo dirá através de novos estudos sobre este tipo de jornalismo que é vivo, fluido e vibrante e que fará parte de nossas vidas por muito tempo.



Referência Bibliográfica

Livros

CASTELLS, Manuel. *Internet e sociedade em rede*. IN: MORAES, Denis. *Por uma outra comunicação*. São Paulo, Record, 1998

COSTELLA, Antônio. *Comunicação – Do grito ao satélite*. Rio de Janeiro. Ed. Record, 1997.

JOHNSON, Steven. *Cultura da Interface – como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1997.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo. Editora 34, 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo. A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MORETZSOHN, Sylvia. *Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico*. Rio de Janeiro. Ed. Revan, 2007.

OLIVEIRA, Paulo Gomes de. *Formação jornalística*. Porto Alegre. Ed. Sulina, 1970.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade – uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

Dissertações E Teses

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50*. Tese. UFRJ, 2000.

Meio Eletrônico

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.folha.com.br>, consultado em 02/06/2008

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=278SAI001>, consultado em 02/06/2008.

Outras Fontes

JUPIARA, Aloy. Editor-executivo do site *Globo Online*. Entrevista concedida em 15/05/2008 ao pesquisador Guilherme Pinheiro.